

O SUPERESTRATO ESPANHOL NA CONSTRUÇÃO DO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Welton Pereira de Mendonça¹

RESUMO: A língua portuguesa falada no Brasil herdou palavras latinas, gregas, germânicas, celtas, árabes, francesas, inglesas, africanas, indígenas e espanholas na constituição do léxico português. Entre meados do séc. XV e final do séc. XVII o espanhol serviu como segunda língua para todos os portugueses cultos. Somente após 1640, com a ascensão de D. João IV ao trono, que se produz certa reação antiespanhola. O bilinguismo, todavia, perdura até o desaparecimento dos últimos representantes da geração formada antes de 1640. O Brasil, colonizado por Portugal, herdou todo o arcabouço linguístico e cultural, sobrepondo a língua portuguesa às diversas línguas faladas pelas tribos indígenas que habitavam o novo país. Além das línguas gerais que o colonizador trouxe, a língua portuguesa concorreu com as línguas de africanos de diferentes grupos étnicos, que desde o início da colonização foram trazidos ao Brasil. A presença de espanhóis no Brasil remonta à época do descobrimento e, pela proximidade do idioma, facilmente conviveu com os portugueses, dividindo espaço nos mais diversos trabalhos e atividades. A convivência pacífica entre eles resultou, a princípio, em uma confusão entre as nacionalidades, percebida nos registros documentais. Do contato com a língua espanhola em diferentes momentos da história, o português incorporou diversas palavras de origem hispânica no seu léxico. Com o tempo, muitas delas foram adaptadas fonética e morfológicamente à língua. É devido a esse processo de vernacularização que hoje muitas origens não são percebidas.

Palavras-chave: língua, português, espanhol.

INTRODUÇÃO

Ao realizar uma comparação da língua portuguesa, em dado período com a língua atual, verifica-se um profundo processo de transformações e mudanças - constantes e fundamentais para a renovação do léxico da língua, que partem diretamente das características e necessidades da sociedade. Quando línguas distintas ficam em contato, da influência dessas interações, surgem os chamados estratos, que se classificam em três tipos, a saber, substrato, superestrato e adstrato.

O presente estudo se propõe a analisar a influência da língua espanhola na construção do léxico da língua portuguesa, bem como a forma como os substratos foram incorporados ao léxico nos falares da língua portuguesa, em especial à língua

¹ Aluno do curso de Licenciatura Plena em Letras - Habilitação em Português e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Email: wpm31@hotmail.com

portuguesa falada no Brasil. Dessa forma, o foco será os superestratos - termo que designa toda língua que é introduzida largamente na área de outra língua que, sem substituí-la, pode desaparecer finalmente e deixar alguns traços.

Apesar de a língua portuguesa e língua espanhola terem como origem a mesma língua mãe, o latim, são bem distintas uma da outra e isso se deve a fatores culturais, geográficos e sociais. A língua portuguesa brasileira convive e ainda convive com o espanhol, haja vista que os países vizinhos ao Brasil são falantes da língua espanhola. É possível verificar a influência de palavras de origem espanhola no vocabulário da língua portuguesa em vários âmbitos, sendo que para realizar tal análise, selecionamos aleatoriamente algumas palavras inseridas no léxico português brasileiro de origem espanhola.

Para se realizar a análise histórica da incorporação de termos da língua espanhola na língua portuguesa, embasamos nossa pesquisa em publicações que abordam o assunto, bastante ricas quanto ao processo histórico de entrada de espanhóis no país a partir do século XVII; entretanto pobres quanto à análise da língua espanhola em contraste com a língua portuguesa e bastante escassa antes do século XVII.

Portanto, utilizamos como suporte os riquíssimos trabalhos de dissertação de mestrado e teses de doutorado que descrevem a chegada dos espanhóis em algumas regiões brasileiras, disponíveis nas diversas bibliotecas virtuais. Ademais, os dicionários e doutrinas que abordam a história da língua portuguesa são indispensáveis para realização e contextualização da análise dos superestratos da língua espanhola na língua portuguesa. A surpresa é que muitas palavras que falamos cotidianamente, inseridas nos dicionários de língua portuguesa são, na verdade, de origem espanhola. E muitos não sabem disso...

DESENVOLVIMENTO

A Influência da língua espanhola na língua portuguesa

Enquanto colônia de Portugal, o Brasil, herdou todo o arcabouço cultural e linguístico do país colonizador. Assim, analisar a influência espanhola na cultura e na língua portuguesa do Brasil, deve-se levar em consideração toda a história de constituição da língua portuguesa falada em Portugal pelos colonizadores. A língua

portuguesa falada no Brasil incorporou saberes de outros povos, herdando palavras latinas, gregas, germânicas, celtas, árabes, francesas, inglesas, africanas, indígenas e espanholas na constituição do léxico português. A influência de outras línguas no idioma português representa uma riqueza e não um prejuízo, uma vez que no curso do tempo, as palavras estrangeiras são incorporadas no vernáculo.

A língua portuguesa, falada por Afonso Henriques² nasceu no oeste Península Ibérica, Europa Ocidental, onde estão localizados Portugal e Espanha, dominados pelo Império Romano, há mais de 2000 anos. No século V, com a queda do Império Romano, a dialeção do latim se intensificou e vários dialetos foram se formando. No caso específico da Península Ibérica, línguas como o catalão, o castelhano e o galego-português (falado na faixa ocidental da península) conduziram ao surgimento do português, sendo o galego-português, precisamente, que gerou o português. Esperança Cardeira apresenta o momento em que os primeiros documentos foram utilizados tendo o português enquanto língua escrita:

Será já no século XIII, no início do reinado de D. Dinis, que a Chancelaria régia adotará o Português como língua de escrita. Multiplica-se, então, os diplomas reais e particulares, as leis gerais e locais produzidos em Português. Mas a adoção do Português enquanto língua de escrita, embora decisiva para a afirmação da língua, deve refletir uma prática bastante difundida. (...) Mas mais importante que antecipar a data do 'mais antigo documento Português' é percebermos que a produção de documentos em Português, embora esporádica até a segunda metade do século XIII, é uma realidade que acompanha a fundação do reino. (CARDEIRA, 2006, pp.33 e 34).

Entre meados do séc. XV e final do séc. XVII o espanhol serviu como segunda língua para todos os portugueses cultos. Os casamentos de soberanos portugueses com princesas espanholas tiveram como efeito, certa “castelhanização”³ da corte. Os sessenta anos de dominação espanhola acentuaram esta impregnação linguística. Somente após 1640, com a ascensão de D. João IV ao trono, que se produz certa reação antiespanhola. O bilinguismo, todavia, perdura até o desaparecimento dos últimos representantes da geração formada antes de 1640.

² Análise realizada por Esperança Cardeira, discorrendo de forma minuciosa a origem da língua portuguesa, iniciada pelo rei Afonso Henriques quando se intitulou rei de Portugal *in* CARDEIRA, Esperança. O essencial sobre a história do português. Lisboa. Editorial Caminho, 2006.

³ Discussão apresentada por Luísa Galvão Lessa – Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro para o jornal A Gazeta do Acre em 28/04/2010.

A maioria dos escritores portugueses escreve também em espanhol, como por exemplo: Gil Vicente, Sá de Miranda, Luis de Camões e Francisco Manuel de Melo.

Ocorrência dos superestratos

A constituição de uma língua não ocorre ao acaso, e sim como resultado de interações intensas entre falantes de línguas diferentes. O Brasil, colonizado por Portugal, herdou todo o arcabouço linguístico e cultural, sobrepondo a língua portuguesa às diversas línguas faladas pelas tribos indígenas que habitavam o novo país. Dante Lucchesi e Alan Baxter⁴, ao analisar a transmissão linguística irregular apresentam o processo de imposição da língua do dominante ao dominado:

Nas diversas situações de dominação que se constituíram nesse contexto histórico, a língua do grupo dominante, denominada língua de superstrato ou língua-alvo, se impõe, de modo que os falantes das outras línguas, em sua maioria adultos, são forçados a adquiri-la em condições bastante adversas de aprendizado, em função de sua sujeição e marginalização. As variedades de segunda língua que se formam nessas condições, mais ou menos defectivas consoante às especificidades de cada contexto histórico, acabam por fornecer os modelos para aquisição da língua materna para as novas gerações de falantes, na medida em que os grupos dominados vão abandonando as suas línguas nativas. (LUCCHESI e BAXTER, 2009, p. 101).

Esse processo de imposição linguística, no primeiro momento, conduz a um processo de bilinguismo, já que dominado um povo e ocupado seu território, dominadores e dominados continuam a usar o idioma do dominador por período de tempo muito variável. Principalmente no ambiente familiar, a língua materna permanece por um bom tempo sendo utilizada em detrimento da língua adotada nos convívios sociais. No caso do Brasil, a língua portuguesa, falada em Portugal e implantada na colônia, foi imposta ao povo colonizado principalmente por meio das catequizações realizadas pelos jesuítas.

Em função das inúmeras imigrações registradas de povos de outros países vindos para o Brasil, recém-colonizado pela coroa portuguesa e, portanto, falante da língua portuguesa, falantes de diversas línguas passaram a conviver na nova terra. Embora esses falares sejam em menor número, não restam dúvidas de que tenham

⁴ LUCCHESI, D., e BAXTER, A. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, D., AXTER, A., and RIBEIRO, I., orgs. O português afro-brasileiro. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 101-124

exercido enorme influência na língua portuguesa falada no Brasil. A esse processo de incorporação ao léxico local de falares de imigrantes de outros países, dá-se o nome de superestrato. Bruno Fregni Bassetto⁵, brilhantemente, nos esclarece como esse fenômeno ocorre:

Tendo como modelo o já existente “substrato”, Walther von Wartburg criou “superstrato” para designar os vestígios e as influências de um povo dominador no idioma do dominado, idioma esse que passa a ser usado por ambos, já que a língua do dominador político deixa de ser falada, como aconteceu com o franco na Gália, com o godo na Ibéria, com o lombardo na Itália etc. Difere do substrato pela situação em que se encontra o povo da língua que vem a desaparecer: politicamente dominado no substrato e dominante no superstrato. Aqui também os fatores determinantes para a sobrevivência da língua remanescente são o maior prestígio cultural e o desenvolvimento linguístico. (BASSETO, 2001, p.157).

O processo de colonização do Brasil se deu efetivamente a partir de 1532, com a implantação das capitanias hereditárias, iniciando-se pelo litoral. O número de colonizadores que se transportavam para o novo continente, vindos de todas as regiões da metrópole, das províncias ou dos campos foi crescendo, e com eles, a língua falada não se restringia ao português, língua relativamente nova em Portugal. De Portugal, certamente vieram muitas pessoas que falavam o espanhol, considerando a raiz europeia que fala o espanhol, o francês e o holandês.

Influência dos negros africanos

Além das línguas gerais que o colonizador trouxe, a língua portuguesa concorreu com as línguas de africanos de diferentes grupos étnicos, que desde o início da colonização foram trazidos ao Brasil. Os negros trazidos como escravos, de diversos pontos da África, tinham como língua pátria diversos dialetos, sendo que em algumas regiões da África se falava a língua espanhola.

Os primeiros africanos que vieram ao Brasil apresentaram grande complexidade linguística, e no confronto com a nova língua, acabaram incorporando parte de suas línguas à língua portuguesa. Ao desembarcarem, com maior ou menor

⁵ BASSETO, Bruno Fregni. Elementos de filologia românica: história externa das línguas, v. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

dificuldade, adquiriam conhecimentos do português que necessitavam aprender para falar com os seus senhores, com os mestiços ou com os negros crioulos.

Imigração espanhola

A presença de espanhóis no Brasil⁶ remonta à época do descobrimento e, pela proximidade do idioma, facilmente conviveu com os portugueses, dividindo espaço nos mais diversos trabalhos e atividades. A convivência pacífica entre eles resultou, a princípio, em uma confusão entre as nacionalidades, percebida nos registros documentais.

Durante o período colonial, as constantes disputas de fronteiras, claras entre as duas colônias, fizeram com que pessoas de origem espanhola habitassem regiões que hoje fazem parte do território nacional. Porém, a maior parte dos imigrantes espanhóis que fez parte da formação da população brasileira veio nas ondas migratórias do final do século XIX e início do século XX. Estima-se que cerca de 700 mil espanhóis tenham desembarcado no Brasil, saídos principalmente da Espanha, onde a situação de miséria os impelia a buscar novas possibilidades de vida.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE⁷, no Brasil, a imigração espanhola teve um caráter predominantemente urbano. Nos séculos XIX e XX, manteve-se o fluxo migratório espanhol para o Brasil, mas seria, então, principalmente o galego, não mais o castelhano. No cotidiano das grandes cidades brasileiras, como o Rio de Janeiro, acabaria confundido com o português que, por sua vez, seria chamado com frequência de galego. Apesar de os documentos sobre a imigração espanhola serem dispersos e pouco confiáveis, sabe-se que no decorrer das grandes migrações transatlânticas, os espanhóis representaram o terceiro maior contingente de estrangeiros que escolheu o Brasil como segunda pátria, superado apenas pelos portugueses e italianos. O gráfico da imagem 1⁸ apresenta o fluxo de imigração espanhola no período de 1890 a 1940.

⁶ Sobre esse assunto, verificar PORTA, Eliane Veiga. Imigrantes espanhóis em Santos, 1880-1920. São Paulo: USP, tese de doutorado, 2008. p. 10.

⁷ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Território brasileiro e povoamento –espanhóis - o imigrante espanhol no cotidiano urbano brasileiro.

⁸ Fluxo da emigração espanhola para o Brasil no período de 1890 a 1940. Disponível em <http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/espanhois/o-imigrante-espanhol-no-cotidiano-urbano-brasileiro.html>.

As cidades de Santos, do Rio de Janeiro e de Salvador foram os principais centros de recepção dos imigrantes espanhóis no Brasil. Em Salvador, porém, o movimento de entrada seria bem peculiar. Os espanhóis que se dirigiram para a capital baiana não participavam dos programas de imigração. Chegavam com emprego garantido, chamados por patrícios e parentes ali estabelecidos, proprietários bem-sucedidos de pequenos estabelecimentos comerciais, bares e hotéis. A cidade de Santos não só abrigava uma numerosa colônia espanhola, que se espalhava pela zona portuária - o que lhe valeu, no início do século XX, o apelido de "Barcelona Brasileira", mas também se tornou um centro de agitação e organização operárias, dominado pelos imigrantes ibéricos. Na cidade do Rio de Janeiro, os espanhóis se fixaram principalmente nas áreas centrais da cidade, inclusive na zona portuária. Lá foram amparados pelas caixas de socorro mútuo, organizações particulares mantidas pelos imigrantes mais prósperos.

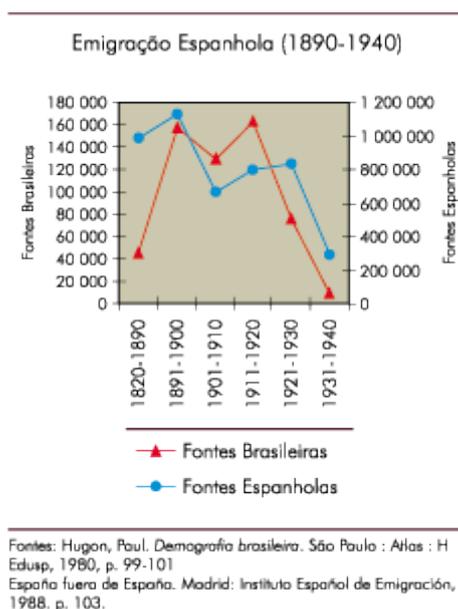


Imagem 1: Fluxo da emigração Espanhola (1890 – 1940)
 Disponível em <http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/espanhois/o-imigrante-espanhol-no-cotidiano-urbano-brasileiro.html>

Os recém-chegados disputavam, desde as ofertas de emprego menos qualificado, até os espaços de moradia disponíveis junto aos segmentos mais pobres da população local, sobretudo mestiços e negros que também tomaram o rumo das cidades após a abolição da escravatura.

De acordo com a historiadora Marília Dalva Klaumann Cánovas⁹, dentre as correntes de imigrantes europeus que se dirigiram ao Brasil até 1929, os espanhóis formaram o terceiro maior contingente, superados apenas por italianos e portugueses. Considerando apenas o Estado de São Paulo, os espanhóis formaram o segundo maior contingente de imigrantes até 1929. Durante a década de 1930, com a eclosão da Guerra Civil Espanhola, o contingente de espanhóis vindo ao Brasil aumentou, principalmente dos derrotados pelas forças franquistas. A maioria dos espanhóis que veio ao Brasil era composta por uma massa desfavorecida economicamente, um grupo marginalizado e oprimido, compondo principalmente a classe dos colonos e assalariados rurais e a nascente classe operária brasileira, contribuindo com a organização dos trabalhadores fabris. Na miscelânea de povos que afluíram ao Brasil para trabalhar e contribuir para a formação da população nacional, os espanhóis exerceram um papel de destaque. Para a historiadora supracitada, houve um alarde para os imigrantes italianos em detrimento dos de outras nacionalidades:

É inegável o fato de que nossa historiografia, ao reconhecer a relevância do papel desempenhado pelo imigrante na sociedade brasileira, tenha privilegiado alguns contingentes em detrimento de outros. (...) Se por um lado os estudos historiográficos evidenciam as características desse grupo migratório, *de indiscutível superioridade numérica*¹⁰, por outro, tendem a relegar, desconsiderar e mesmo ignorar outros contingentes populacionais imigrados, dentre os quais o espanhol, cujo volume aponta para cifras que o posicionam entre os três contingentes europeus a demandarem o Brasil até 1929, precedido somente pelo italiano, grupo majoritário, e pelo português. Além disso, quando consideramos especificamente o Estado de São Paulo, a análise dos percentuais de direcionamento do total ingressado no período revela que o espanhol figurou na segunda posição, suplantando largamente o imigrante português. (CÁNOVAS, 2007, PP. 11 e 12).

Com relação à adequação do imigrante espanhol no Brasil, de forma bastante elucidativa, Eliane Veiga Porta¹¹ esclarece que, não se ambientando ao trabalho agrário, houve necessidade desses povos se mudarem para as cidades:

As características urbanas do povo espanhol levaram-no a buscar as cidades depois de descobrirem que a vida rural no trato do cafezal,

⁹ CÁNOVAS, Dalva Klaumann. Imigrantes Espanhóis na Paulicéia. São Paulo: USP, tese de doutorado, 2007. p. 12.

¹⁰ A autora se refere às imigrações italianas – grifo nosso.

¹¹ PORTA, Eliane Veiga. Imigrantes espanhóis em Santos, 1880-1920. São Paulo: USP, tese de doutorado, 2008.

atividade que eles desconheciam e para qual não estavam qualificados, era muito diferente do que a propaganda feita pelos agenciadores de imigrantes. Além disso, os maus tratos sofridos pelos patrões acostumados a lidar com escravos, o desconhecimento do país, da língua, dos costumes, dos hábitos alimentares impulsionaram muitas famílias a buscarem as cidades depois de abandonarem as fazendas, muitas vezes, fugidos. (PORTA, 2008, p. 133).

Ao lado dos portugueses, especialmente no Rio de Janeiro, os espanhóis encontravam trabalho em atividades não qualificadas, tais como, estivadores, ensacadores de café, em bares, tavernas, botequins, pensões ou no comércio ambulante (lugares onde geralmente não se fala uma língua culta de prestígio). Na maioria das vezes, mal remunerados, submetidos a jornadas de trabalho de até 16 horas, eram vistos como uma "gente trabalhadeira e ambiciosa". Alguns, entretanto, quando se deparavam com a dura realidade do "paraíso brasileiro", acabavam descambando para o caminho da marginalidade. Integravam-se à escória dos malandros, gatunos, rufiões, jogadores e prostitutas que giravam em torno do cais do porto. Como os italianos e portugueses, os espanhóis também criaram caixas de socorro mútuo que prestavam auxílio médico, financeiro e jurídico aos mais necessitados. Ao que tudo indica, algumas dessas entidades beneficentes deram origem às primeiras organizações de trabalhadores.

O resultado linguístico de todo esse contingente de imigrantes espanhóis convivendo no Brasil, ao longo da colonização, resultou, inevitavelmente, em influências na língua portuguesa. No processo de adaptação, o falante da língua espanhola assimilava a língua portuguesa, mas não deixava de falar sua língua pátria. Nesse contexto, como a língua está em constante transformação, superstratos do idioma espanhol foram inseridos no idioma português brasileiro.

Os adstratos da língua espanhola na língua portuguesa

As influências linguísticas em uma língua não ficam adstritas apenas ao superestrato - já discutido alhures, mas recebe influência também dos substratos e adstratos¹². O substrato é o termo utilizado para designar os resquícios da língua pátria do povo conquistado após implantação e consolidação da língua do

¹² Sobre Substrato, Superestrato e Adstrato, consultar BASSETO, Bruno Fregni. Elementos de filologia românica: história externa das línguas, v. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

conquistador e o termo adstrato é entendido como toda língua que vigora ao lado de outra, num território dado, e que nela interfere como manancial permanente de empréstimos. Basta, portanto, que dois povos de idiomas diferentes sejam vizinhos e mantenham relacionamento de qualquer tipo para a caracterização de adstrato.

Ora, o Brasil é circundado por países falantes da língua espanhola. Dessa forma, é inconteste que as influências da língua espanhola na língua portuguesa do Brasil não fiquem restritas aos imigrantes que estabeleceram domicílio no país. As relações constantes, principalmente em regiões de fronteira, fazem com que haja incorporação de vocábulos da língua espanhola à língua portuguesa e, posteriormente, essas palavras se espalham pelo interior do país até se fazerem constar em dicionários.

A imagem 2 apresenta os países falantes da língua espanhola pelo mundo. Como se observa, o Brasil está cercado de falantes hispânicos.



Imagem 2: Mapa espanhol pelo mundo, disponível em:
http://www.so espanhol.com.br/conteudo/Diversos_Espanhol_pelo_mundo.php

Atualmente, com o advento da internet e, conseqüentemente, o rompimento de fronteiras continentais, o conceito de adstrato se tornou mais amplo, haja vista a incorporação de termos de língua estrangeira à língua pátria pelo falante em função de interações por meio da rede mundial de computadores.

As colônias espanholas no Brasil

A existência de comunidades de descendentes de imigrantes no Brasil não é novidade. Buscando preservar suas raízes em um país diferente, os imigrantes se organizam em associações objetivando manter sua cultura, mesmo em um país distante da terra natal. Nas grandes capitais brasileiras, é comum encontrar bairros inteiros em que os habitantes preservam a língua e a cultura de seus países de origem.

Com o passar dos anos, os espanhóis que radicaram no Brasil mantiveram, dentro do possível, suas tradições e a sua língua pátria nas colônias criadas por associações de acolhimento. Sobre a criação de organizações para acolhimento aos imigrantes espanhóis, Eliane Veiga Porta esclarece:

O sucesso do Centro Espanhol entusiasmou a criação de outro grupo espanhol que, contando com outros interessados e, também, com muitos sócios do próprio Centro formam a Sociedade Espanhola de Repatriação de Santos. O objetivo dessa sociedade era oferecer a oportunidade de repatriação aos associados que com suas mensalidades em dia, adquirissem o direito de partir quando necessário (...). Fundada em 1902, à Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos cabia estabelecer convênios com médicos e hospitais para dar atendimento aos espanhóis e a qualquer outro necessitado que a ela se associasse. (...) As Associações de Auxílio Mútuo não estavam preocupadas em socorrer apenas o crescente contingente proletário que vivia em condições precárias, ou com ações beneficentes em anos de epidemias, como a febre amarela ou a varíola. Elas também disponibilizam aos seus frequentadores um espaço onde se apresentavam oportunidades próprias de seus costumes de lazer, cultura e aprendizagem. Além das sociedades beneficentes foram criadas as sociedades mutualistas como a Sociedade Humanitária dos Empregados do comércio (1879); a União Operária (1890); a Sociedade Tipografia de Santos (1902); a Sociedade Beneficente 2 de Fevereiro (1902) e a Associação Feminina Beneficente e Instrutora (1902), sendo esta última dedicada à educação de moças, à criação de pré-escolas para crianças necessitadas e à assistência aos pobres e doentes. (PORTA, 2008, pp. 57-58).

Com a sistematização de organizações voltadas ao acolhimento do imigrante espanhol, inclusive com a criação de instituições voltadas à formação educacional, é incontestável a afirmação da língua espanhola no seio do território brasileiro, fazendo com isso o fortalecimento de superestratos da língua espanhola na língua portuguesa brasileira.

Os superestratos da língua espanhola na língua portuguesa

De acordo com Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz¹³ em sua Gramática da Língua Portuguesa, as palavras de origem espanhola ou castelhana têm tradição antiga em português. O volume de contribuição da língua espanhola à língua portuguesa remonta à época do predomínio político e literário da Espanha.

Do contato com a língua espanhola em diferentes momentos da história, o português incorporou diversas palavras de origem hispânica no seu léxico. Com o tempo, muitas delas foram adaptadas fonética e morfologicamente à língua. É devido a esse processo de vernacularização que hoje muitas origens não são percebidas.

O único lugar em que é possível identificar a origem das palavras é nas páginas dos dicionários gerais, já que neles são registradas as unidades léxicas em uso juntamente com a sua etimologia.

Para analisarmos a inserção das palavras de origem espanhola no vocabulário da língua portuguesa brasileira, utilizamos como suporte o Míni Aurélio – O dicionário da Língua Portuguesa (2010)¹⁴, do qual selecionamos, de forma aleatória, cento e dezessete palavras. É o que se observa no quadro a seguir:

| Palavra | Origem | Significado |
|------------|---------------------------|---|
| airoso | [esp. <i>airoso</i>] | De aparência elegante. |
| abarrotar | [esp. <i>abarrotar</i>] | Encher de barrotos; Encher em demasia. |
| abichar | [esp. <i>abichar</i>] | Criar bicheira (no animal). |
| abombar | [esp. <i>abombar</i>] | Fatigar (o animal) por falta de habilidade ao fazê-lo marchar, trotar ou correr. |
| achicar | [esp. <i>achicar</i>] | Tornar pequeno; diminuir. |
| alambrar | [esp. <i>alambrar</i>] | Cercar com arame. |
| alumbrar | [esp. <i>alumbrar</i>] | Iluminar-(se); deslumbrar-(se); maravilhar-(se); inspirar-(se). |
| amistar | [esp. <i>amistar</i>] | Tornar-(se) amigo; conciliar-(se). |
| apanhar | [esp. <i>apañar</i>] | Colher, recolher; tomar; segurar. Roubar, furtar. Contrair doença. Levar pancada; perder em luta. |
| aperar | [esp. <i>aperar</i>] | Por os aperos. Encilhar com bons arreios. Vestir-se bem. |
| aplastar | [esp. <i>aplastar</i>] | Fatigar-(se); cansar-(se); esfalfar-(se). |
| apressurar | [esp. <i>apressurar</i>] | Apressar-(se). |

¹³ CUESTA, Pilar Vázquez e LUZ, Maria Albertina Mendes da. Gramática da Língua Portuguesa. Lisboa, Edições 70, 1980, pág. 267.

¹⁴ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio; o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010, 8.ed. rev. atual.

| | | |
|---------------|-----------------------------|--|
| arranhar | [esp. <i>arañar</i>] | Raspar de leve. Ferir de leve. Conhecer pouco uma língua. Tocar mal um instrumento. Ferir alguém com as unhas. |
| arreglar | [esp. <i>arreglar</i>] | Ajustar, combinar, concertar. Pôr em ordem. |
| arrocinar | [esp. <i>arrocinar</i>] | Tirar as manhas do cavalo; preparando-o para o serviço. |
| asolear | [esp. <i>asolearse</i>] | Cansar-se o animal e, por extensão, a pessoa, por haver andado muito ao sol. |
| atochar | [esp. <i>atochar</i>] | Fazer entrar com força; encher com excesso; atulhar. |
| bandarilha | [esp. <i>banderilla</i>] | Farpa enfeitada que se crava no cachaço dos touros, nas touradas. |
| blasonar | [esp. <i>blasonar</i>] | Ostentar; alardear. |
| boina | [esp. <i>boina</i>] | Espécie de boné chato, sem costura e sem pala, comumente de lã. |
| bojar | [esp. <i>bojar</i>] | Tornar bojudo; enfunar. Apresentar bojo. |
| bolear | [esp. <i>bolear</i>] | Dar forma de bola; arredondar. |
| bolero | [esp. <i>bolero</i>] | Certa dança espanhola; A música dessa dança; Casaco curto usado por cima da blusa. |
| caudilho | [esp. <i>caudilho</i>] | Chefe militar; Mandachuva; Cabecilha. |
| cavalheiro | [esp. <i>caballero</i>] | Homem de sentimentos e ações nobres; Homem que dança com uma mulher. |
| chiste | [esp. <i>chiste</i>] | Dito engraçado; gracejoso. |
| cordilheira | [esp. <i>coedillera</i>] | Sistema extenso de altas montanhas. |
| carchear | [esp. <i>carchear</i>] | Roubar; Apropriar-se indevidamente de animais ou coisas a pretexto de guerra. |
| cargosear | [esp. <i>cargosear</i>] | Discutir; teimar; gabar-se. |
| carnear | [esp. <i>carnear</i>] | Abater o gado e preparar as carnes para secar; charquear. |
| cerdear | [esp. <i>cerdear</i>] | Tosquiar. |
| chairar | [esp. <i>chairar</i>] | Afiar com chaira. |
| changar | [esp. <i>changar</i>] | Fazer changa. |
| charquear | [esp. <i>charquear</i>] | Preparar a carne para o charque. |
| cinchar | [esp. <i>cinchar</i>] | Prender o animal pelo laço à cincha. |
| courear | [esp. <i>cuerear</i>] | Extrair couro dos animais. |
| desarrolhar | [esp. <i>desarrollar</i>] | Espalhar o gado que se acha arrolhado. |
| deslumbrar | [esp. <i>deslumbrar</i>] | Causar deslumbramento. |
| desmoronar | [esp. <i>desmoronar</i>] | Vir abaixo; desabar. |
| despojar | [esp. <i>despojar</i>] | Roubar; saquear; privar da posse. |
| embromar | [esp. <i>embromar</i>] | Contar falsidades; blasonar. Bras. Prometer muito e não cumprir. Andar devagar. |
| empacar | [esp. <i>empacar</i>] | Emperrar (o cavalo ou o burro). Não continuar, não conseguir. |
| empalar | [esp. <i>empalar</i>] | Submeter ao suplício da empalação. |
| empaquetar-se | [esp. <i>empaquetarse</i>] | Vestir-se com luxo; endomingar-se. |
| empardar | [esp. <i>empardar</i>] | Reunir em parelhas ou pares; igualar; irmanar. |
| empilchar | [esp. <i>empilchar</i>] | Cobrir de pilchas ou adornos. |
| empolhar | [esp. <i>empollar</i>] | Fazer germinar. |
| empurrar | [esp. <i>empujar</i>] | Impelir com violência; empuxar. ; impingir. |
| encalhar | [esp. <i>encallar</i>] | Fazer dar em seco a embarcação. Não ter seguimento. Bras. Não vender, não ter saída. Ficar solteiro por não ter achado casamento, ficar para |

| | | |
|---------------|------------------------------|--|
| | | tia. |
| ençampar | [esp. <i>enzampar</i>] | Enganar; lograr; embair; intrujar. |
| enfrenar | [esp. <i>enfrenar</i>] | Enfrear. |
| escarchar | [esp. <i>escarchar</i>] | Cobrir com escarcha. Adoçar com muito açúcar até cristalizar. Tornar áspero. |
| escodar | [esp. <i>escodar</i>] | Lavrar e alisar com a escoda. |
| escorchar | [esp. <i>escorchar</i>] | Cobrar preço exorbitante; onerar; esfolar. |
| escovilhar | [esp. <i>escobillar</i>] | Limpar de impurezas (ouro ou prata). |
| esquilar | [esp. <i>esquilar</i>] | Tosquiar. |
| faina | [Cat. Ant. <i>faena</i>] | Atividade a que concorre ponderável parcela da população de um navio. |
| galã | [esp. <i>galán</i>] | Personagem ou ator que tem o papel decisivo nas intrigas amorosas. |
| garrar | [esp. <i>garrar</i>] | Soltar-se da âncora a embarcação. |
| gozar | [esp. <i>gozar</i>] | Desfrutar; fruir. Achar graça; rir de alguém. Chulo. Atingir o orgasmo. |
| granear | [esp. <i>granear</i>] | Granar; criar grão o trigo. |
| guapear | [esp. <i>guapear</i>] | Mostrar-se guapo; demonstrar ânimo, ousadia. |
| guerrilha | [esp. <i>guerrilla</i>] | Luta armada travada por grupos constituídos irregularmente, e que não obedece às normas das convenções internacionais; Tropa indisciplinada. |
| hediondo | [esp. <i>hediondo</i>] | Vicioso, sórdido; Repulsivo; Pavoroso, medonho. |
| lagartixa | [esp. <i>lagartija</i>] | Nome comum a vários lagartos genocídios pequenos. |
| lhano | [esp. <i>lhano</i>] | Sincero; Despretensioso; modesto; Afável, delicado. |
| lunanquear | [esp. <i>lunanquear</i>] | Tornar-se lunanco. Causar esse defeito. |
| mantilha | [esp. <i>mantilha</i>] | Manta para proteger os ombros e a cabeça; Véu fino, adorno feminino para cabeça e ombros. |
| machucar | [esp. <i>machucar</i>] | Esmagar, triturar, esmigalhar. Amarrutar; Amarfanhar; Melindrar; Ofender; Ferir. |
| manear | [esp. <i>manear</i>] | Prender com maneira ou corda. |
| manguear | [esp. <i>manguear</i>] | Guiar o gado para passar um rio a nado. Tentar enganar com manhas e artifícios. |
| manotear | [esp. <i>manotear</i>] | Dar manotaços (o cavalo). |
| maturranguear | [esp. <i>maturranguear</i>] | Fazer coisa de maturrango. |
| medrar | [esp. <i>medrar</i>] | Crescer. |
| mermar | [esp. <i>mermar</i>] | Perder em valor; diminuir. |
| mochila | [esp. <i>mochila</i>] | Saco onde soldados, excursionistas, alunos, etc., levam às costas objetos de uso. |
| moreno | [esp. <i>moreno</i>] | De cor trigueira. |
| muleta | [esp. <i>muleta</i>] | Bastão de braço curso, ao qual se apoiam os coxos. |
| necear | [esp. <i>necear</i>] | Dizer necedades; tolices. |
| palear | [esp. <i>palear</i>] | Trabalhar com pá. |
| patalear | [esp. <i>patalear</i>] | Dar com as patas; patear; espernear. |
| pealar | [esp. <i>pealar</i>] | Prender animais atirando-lhes o pealo. Armar cilada; enganar. |
| pechar | [esp. <i>pechar</i>] | Dar encontrão; abalroar. Pedir dinheiro. Esbarrar; encontrar-se. |
| pelear | [esp. <i>pelear</i>] | Brigar; lutar; pelejar. |
| pertrechar | [esp. <i>pertrechar</i>] | Prover de pertrechos; preparar aparelhos; aperceber. |

| | | |
|------------|---------------------------|---|
| picanear | [esp. <i>picanear</i>] | Ferir o boi com a picana; aguilhoar; aferretear. |
| pinchar | [esp. <i>pinchar</i>] | Impelir; empurrar, derrubar; arremessar; atirar; lançar com força; saltar; pular. |
| pujar | [esp. <i>pujar</i>] | Superar; suplantar; subrepujar. |
| putear | [esp. <i>putear</i>] | Chulo. Descompor com palavras obscenas, em geral ofensivas à mãe da vítima. |
| quinchar | [esp. <i>quinchar</i>] | Fazer cobertura ou quinha. |
| rajar | [esp. <i>rayar</i>] | Estriar, listrar, raiar. |
| rebusnar | [esp. <i>rebuznar</i>] | Zurrar. |
| regozijar | [esp. <i>regocijar</i>] | Causar regozijo a; alegrar; alegrar-se; congratular-se. |
| relumbrar | [esp. <i>relumbrar</i>] | Resplandecer; reluzir. |
| remanchar | [esp. <i>remanchar</i>] | Fazer borda com o maço na bigorna em fundo de panela ou semelhante. |
| renguear | [esp. <i>renguear</i>] | Tornar-se rengo ou coxo (o cavalo); claudicar; coxear. |
| repechar | [esp. <i>repechar</i>] | Galgar (uma ladeira, um cerro. Elevar-se. |
| reslumbrar | [esp. <i>reslumbrar</i>] | Dar passagem à luz; transparecer; transpirar; transluzir. |
| resvalar | [esp. <i>resbalar</i>] | Escorregar; fazer escorregar ou cair. |
| retouçar | [esp. <i>retozar</i>] | Correr; fazer travessuras; traquinar. Pastar. |
| retovar | [esp. <i>retobar</i>] | Cobrir com retovo. |
| revisar | [esp. <i>revisar</i>] | Visar novamente. Fazer inspeção ou revisão. Ler prova tipográfica. |
| rumbear | [esp. <i>rumbear</i>] | Rumar. |
| sampar | [esp. <i>zampar</i>] | Arremessar; atirar; aplicar. |
| saludar | [esp. <i>saludar</i>] | Curar por meio de rezas. Benzer para curar. |
| sangrar | [esp. <i>sangrar</i>] | Tirar sangue; tirar líquido; esvaziar; esgotar; extorquir; tirar à força; enfraquecer. Pedir dinheiro emprestado, sem intenção de pagar. Aceder a pedido de dinheiro. |
| sofrenar | [esp. <i>sofrenar</i>] | Sofrear o cavalo para fazê-lo parar ou recuar. |
| temblar | [esp. <i>templar</i>] | Afinar uns instrumentos pelos outros. |
| tertúlia | [esp. <i>tertulia</i>] | Reunião de parentes e amigos; Assembleia literária. |
| tijolo | [esp. <i>tejuelo</i>] | Produto cerâmico, geralmente em forma de paralelepípedo, para construções. |
| tosquiar | [esp. <i>tosquilar</i>] | Cortar rente pelo, lã ou cabelo; tonsurar. |
| trampear | [esp. <i>trampear</i>] | Trapacear; calotear. |
| trecho | [esp. <i>trecho</i>] | Espaço de tempo ou de lugar; intervalo; Fragmento de obra literária ou musical; Porção de um todo; parte. |
| tronchar | [esp. <i>tronchar</i>] | Cortar rente; mutilar. |
| vislumbrar | [esp. <i>vislumbrar</i>] | Alumiar frouxamente; entrever; conjeturar; começar a surgir. |
| zampar | [esp. <i>zampar</i>] | Comer muito com pressa e voracidade. Encher muito o estômago. |
| zubar | [esp. <i>zubar</i>] | Fazer grande ruído; zoar; zumbir. |

Quadro demonstrativo com 117 palavras, selecionadas aleatoriamente, de origem espanhola.

Entendemos pertinente esclarecer as peculiaridades entre os termos espanhol e espanholismo, haja vista se tratarem de termos distintos. De acordo com o Dicionário AURÉLIO (2010), a abreviatura “esp.” pode corresponder tanto à palavra *espanhol* quanto a *espanholismo*. Procurando ambas no referido dicionário, encontramos o seguinte:

espanhol [Do lat. pop. **hispaniolu.*] *adj.* 1. Da Espanha (Europa). *sm.* 2. O natural ou habitante da Espanha. 3. *E. Ling.* A língua espanhola. [Flex. De 1 e 2: *espanhóis, espanhola(s).*] (AURÉLIO, 2010, 309).

espanholismo [DO *espanhol* + *-ismo.*] *sm.* 1. Palavra, locução ou construção própria da língua espanhola; hispanismo, castelhanismo. 2. Palavra ou locução própria do espanhol que foi transportada para outra língua; hispanismo, castelhanismo. (...). (AURÉLIO, 2010, 309).

Portanto, dizer que uma palavra é de origem espanhola significa que se trata de um termo falado por um natural ou habitante da Espanha, ao passo que afirmar que determinada palavra é um espanholismo, significa dizer que a mesma, na época da sua incorporação à língua portuguesa, tratava-se de uma palavra não restrita ao espanhol, mas de uso geral entre os hispanofalantes.

CONCLUSÃO

A construção do léxico de uma língua em particular é resultado da interação com falantes de outras línguas, sendo que essas interações ocorrem por meio de substratos, superestratos e adstratos. O processo de adaptação que palavras de origem estrangeira sofrem com o passar do tempo em função da constante interação permite que estas acabem adequando-se à língua de chegada e incluída em seus dicionários.

Com relação aos superestratos, em particular da língua espanhola na língua portuguesa, vários motivos podem ter influenciado para a incorporação de palavras de origem espanhola no vernáculo da língua portuguesa brasileira. Entretanto, a afirmação mais contundente seria o fato de os falantes da língua espanhola terem se radicado no Brasil e convivido com uma língua diferente daquela que conheciam e estavam acostumados a falar. Na tentativa de se comunicar, acabavam utilizando palavras específicas de sua língua materna nas conversações cotidianas que acabavam se incorporando à língua portuguesa brasileira. Há ainda a utilização de

palavras espanholas na língua portuguesa que designava algo totalmente novo, para o qual a língua portuguesa ainda não possuía um nome.

Embora as incorporações de termos específicos de outras línguas sejam vistos de forma negativa por falantes que defendem o “purismo na língua”, o fenômeno é tão comum e antigo que muitas palavras que hoje são de uso corrente na língua portuguesa vieram de diversas línguas com as quais o português teve contato antes mesmo de ser trazido ao Brasil no período colonial. Ademais, mesmo antes da consolidação da língua portuguesa brasileira, quando o país recebeu milhares de imigrantes de origem hispânica, os sessenta anos de Portugal sob o domínio espanhol apresentou profundas transformações linguísticas, já que nesse período, a Língua Portuguesa e a Língua Castelhana conviviam lado a lado.

REFERÊNCIAS

ANOCIBAR, Andrea Esther. *Empréstimos do espanhol em dicionários gerais do português: proposta para o seu tratamento e marcação*. Dissertação de mestrado em Lexicografia, Terminologia e Tradução: Relações textuais. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS, Porto Alegre, 2016.

BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica: história externa das línguas*, v. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

CÁNOVAS, Dalva Klaumann. *Imigrantes Espanhóis na Paulicéia*. São Paulo: USP, tese de doutorado, 2007.

CARDEIRA, Esperança. *O essencial sobre a história do português*. Lisboa, Editorial Caminho, 2006.

COSTA, Daniela de Souza Silva e ISQUERDO, Aparecida Negri. *Espanholismos no léxico do Brasil Central: contribuições do projeto ALIB*. Work. Pap. Linguíst., 13(2): 133-145, Florianópolis, abr./jul, 2013.

CUESTA, Pilar Vázquez e LUZ, Maria Albertina Mendes da. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa, Edições 70, 1980.

FERNANDES, Patrícia Damasceno; ALMEIDA, Miguél Eugenio e COSTA, Natalina Sierra Assêncio Costa. *A influência de adstratos do espanhol no léxico da Língua Portuguesa*. Web-Revista Sociodialeto. Revista do Mestrado em Letras, UEMS/Campo Grande, v. 6, nº 6, jul. 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2010, 8.ed. rev. atual.

GARCIA, Afrânio da Silva. *O português do Brasil: Questões de substrato, superstrato e adstrato*. Revista Soletas, Ano II, nº 04. São Gonçalo: 70 UERJ, jul./dez. 2002

GARCÍA-AREÁN, Nilsa. *A história e a evolução das línguas na Galiza, em Portugal e no Brasil*. Revista Philologus, ano 17, nº 50. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio/ago. 2011.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Território brasileiro e povoamento –espanhóis - o imigrante espanhol no cotidiano urbano brasileiro*. Disponível em <http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/espanhois/o-imigrante-espanhol-no-cotidiano-urbano-brasileiro.html>. Acesso em 02/07/2017.

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

LESSA, Luísa Galvão. *A influência espanhola no vocabulário português*. A gazeta do Acre. Postado em 28/04/2010. Disponível em <http://agazetadoacre.com/a-influencia-espanhola-no-vocabulario-portugues/>

LUCCHESI, D. e BAXTER, A. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, D., AXTER, A., and RIBEIRO, I., orgs. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 101-124.

MARTINS, José de Souza. *A imigração espanhola para o Brasil e a formação da força de trabalho na economia cafeeira: 1880-1930*. Revista de História, São Paulo, nº 121, p. 5-26, ago./dez. 1989.

PEDROSO, Sérgio Flores. *A relação da língua portuguesa com a língua espanhola (peninsular e latino-americana): reflexos em livros didáticos*. Revista Horizontes de Linguística Aplicada, UFMT, ano 12, nº 2, 2013.

PORTA, Eliane Veiga. *Imigrantes espanhóis em Santos, 1880-1920*. São Paulo: USP, tese de doutorado, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 33. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.